



DECRETO N.º 3955, DE 5 DE NOVEMBRO DE 1971.

Dá denominação a pública da Cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39, do Decreto Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada JOSÉ DE CASTRO MENDES a rua que se inicia na Avenida João Batista Morato do Canto e termina na rua Campos do Jordão, e que resulta da unificação das ruas 5 e 9, no bairro do São Bernardo.

Artigo 2.º — Da placa denominativa constará a expressão "Artista e Historiógrafo Ilustre" — (1901—1970).

Artigo 3.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 5 de novembro de 1.971.

DR. ORESTES QUERCIA
PREFEITO MUNICIPAL
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS
ENG.º JULIO CÉSAR PILENSO
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido com os elementos constantes do protocolado n.º 5.273/70, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 5 de novembro de 1.971.

GERALDO CÉSAR BASSOLI CEZARE
CHEFE DO GABINETE DO PREFEITO

- Correio Popular - 3.^a-feira, 27 de Janeiro de 1970

Com a morte de José de Castro Mendes

Perde Campinas o seu Historiador



As primeiras horas da tarde de ontem, a notícia correu célere em todas as dependências desta fôlha: morrera José de Castro Mendes.

O nome de José de Castro Mendes permaneceu sempre ligado à vida do CORREIO POPULAR. Desde a fundação desta fôlha, no ano de 1927, pelo saudoso Alvaro Ribeiro, aquele nosso companheiro de trabalhos dedicou esforços, dentro do campo de sua especialidade, a esta empresa jornalística. Acompanhou ele, sempre com grande lealdade, as diversas fases de crescimento desta fôlha, através de seus trabalhos esboçados de natural beleza, de sentido positivo, com a sensibilidade voltada para a arte.



Mas, acima de tudo, foi José de Castro Mendes o historiador de Campinas, galardão que merecidamente era portador.

A publicação de qualquer fato relacionado à história de Campinas merecia, antes, a opinião de José de Castro Mendes. Durante toda a sua vida, soube como ninguém coligir dados e informações a respeito da vida da cidade. Era realmente o pesquisador compenetrado, conscio de suas responsabilidades para a veracidade dos fatos e só emitia pronunciamentos depois de certificar-se daquilo que era verdadeiro.

Assim é que, louvando-se em seu trabalho minucioso e fundamentado em bases precisas, o CORREIO POPULAR publicou há pouco uma série de cadernos sobre a História de Campinas, divulgando apontamentos e fotos inéditas. Foi esse o último trabalho de fôlego daquele nosso companheiro de trabalhos.

Como antigo servidor do Instituto Agrônomico, em cujo estabelecimento científico se aposentou na qualidade de desenhista, José de Castro Mendes teve feliz oportunidade de ilustrar uma valiosa coleção de aquarelas, mostrando as velhas fazendas de Campinas.

Carlos Gomes sempre foi uma figura marcante em sua vida. Conhecia tudo sobre a vida e a obra do imortal maestro campineiro. E por essa justa razão a diretoria do Centro de Ciências dera-lhe a incumbência de dirigir o Museu de Carlos Gomes anexo aquela entidade. E todos os dias, na redação desta fôlha, preocupava-se com as solenidades programadas para o Centenário da Ópera "O Guarany". Queria ele que a data fosse comemorada com brilhantismo. E dessa forma não cansava de sugerir idéias, trocar opiniões, tudo objetivando um acontecimento condigno para Campinas, com o enaltecimento daquela ópera máxima de Carlos Gomes.

José de Castro Mendes, por assim dizer, nasceu, viveu e serviu Campinas, desinteressadamente, com entusiasmo e honestidade de propósitos. Deve-lhe a cidade, portanto, relevantes serviços.

Justo, pois, o sentimento de pesar que reina em todas as dependências desta fôlha, onde José de Castro Mendes, às vezes de espírito acolhedor e também outras pouco afável, mas sempre humilde e respeitoso, a todos atendia e conversava.

Perdemos assim o colega de todos os dias e o verdadeiro consultor de assuntos relacionados com a história de Campinas.

TRABALHOS PUBLICADOS

José de Castro Mendes deixou publicados três livros: "Velhas Fazendas Paulistas", "Retratos da Velha Campinas" e "Efemérides Campineiras", trabalhos esses que foram reunidos em livro após sua publicação no CORREIO POPULAR.

SEPULTAMENTO

O sepultamento do corpo de José de Castro Mendes dar-se-á na manhã de hoje, às 10 horas, com a saída do féretro do Necrotério do Cemitério da Saudade, seguindo para o jazigo da família, nesse mesmo campo santo.

Cam



Correio Popular - 4.ª-feira, 4 de Fevereiro de 1970

IN MEMORIAM

José de Castro Mendes

C. Siqueira FARJALLAT

Certa tarde, há três ou quatro anos atrás, no Centro de Ciências, quando íamos entrar no auditório, Dona Norma nos advertiu: "Por favor, não entre agora. Lá dentro está o Zeca compondo ao piano." De fato, ouviam-se mesmo, com a porta fechada, as melodias que José de Castro Mendes arrancava ao piano, durante horas seguidas. Esses eram seus momentos de profunda alegria-criadora.

Um original, o Zeca. É um artista, completo, de sensibilidade apurada e harmoniosa, de uma cultura e percepção realmente profundas. Nos setores artísticos a que esteve mais intimamente ligado, como criador e como crítico — música e artes plásticas — José de Castro Mendes realizou-se integralmente. Sua crítica honesta nunca foi destrutiva e demolidora, como também jamais serviu para incensar mediocridades. Neste campo difícil e escorregadio, o sábio Zek soube manter-se com equilíbrio perfeito, sabendo com acuidade reconhecer e valorizar a obra de arte. As aquarelas, os desenhos, as telas de J. de Castro Mendes traziam aquele elemento artístico inconfundível, aquela técnica própria e aquele poder de comunicação que as tornaram autênticas obras primas.

Mas o traço marcante de J. de Castro Mendes foi, evidentemente, seu apaixonado amor por Campinas, cuja história conheceu como ninguém, e cujas tradições evocou, fixando-as em crônicas, comentários e obras, valiosos pela honestidade de pesquisa, originalidade e linguagem leve e pitoresca. Colecionou com ternura e cuidado tudo quanto contasse da velha Campinas dos lampiões de gás, dos boncos de burros, das ruas tortuosas, mais caminhos de sertão do que vias públicas, dos casarões soturnos, das retretas no jardim.

Com sensibilidade extraordinária e verdadeiro faro de historiador acompanhou a evolução do antigo pouso de Bandeirantes, em povoado e cidade, catalogando fatos marcantes, pitorescos e característicos, figuras ilustres de políticos, artistas, médicos, tipos populares, e foi traçado com mão de mestre, os cenários alegres ou tristes, as glórias e as lutas e epidemias, o apogeu e a queda de partidos políticos, a vida em fim, de nossa terra. Sua coleção de fotos e desenhos antigos, suas crônicas e comentários formam precioso arquivo de nosso passado como cidade.

Mais ainda. Há anos, éle percorreu vagarosamente, todas as antigas fazendas do Município de Campinas, sentindo os últimos lampejos daquela grandeza e opulência, que vinham do Império. Sua experiência enriqueceu de oitenta e sete primorosas aquarelas um Album, publicado em 1947 pelo Departamento Estadual de Informações. A obra, hoje esgotada, fixa para as gerações vindouras os derradeiros aspectos das últimas grandes propriedades agrícolas. Ali estão com fidelidade e vigor as senzalas, ou curros, onde se mantinham os escravos; os terreiros de café, já invadidos, em parte pelo matagal; as casas de máquinas, em outros tempos movimentadas; as serrarias, e as Casas Grandes, senhoriais, enormes, com seus telhados portugueses, as varandas amplas para defesa dos rigores da soalheira. Casas Grandes que abrigaram a velha aristocracia rural de nossa terra, e que hoje se quedam vazias ou decadentes, quando não ruíram de todo.

O texto desta esplêndida publicação, que está a exigir novas edições, foi escrito pelo dr. J.E. Teixeira Mendes, da Seção de Café do Instituto Agrônomo. Ali vemos aquarelas, evocando nomes familiares aos velhos campineiros: Fazenda Três Pedras, Fazenda Sertão, Sete Quedas, São Joaquim, Quilombo, Bonfim, Bocaina, Camandocaia, Pedra Branca, São Quirino, Santa Isabel, Cachoeira, Santa Luzia... que pertenceram a grandes famílias paulistas. De todas as sedes de Fazendas, J. de Castro Mendes fez ainda uma planta completa, evidenciando como eram feitas as construções, e quão sólidas e acolhedoras eram.

Organizador paciente do Museu do Instituto Agrônomo, Zek enriqueceu-o com valiosa coleção de miniaturas de engenhos usados pelos fazendeiros outrora: minúsculos carros de boi, de pilão, monjolos, carretões, os quais comprovam o esforço persistente e gigantesco de nossos antepassados, que rasgaram fazendas, plantaram cafezais, colheram e despolararam os bagos.

Com persistente trabalho de muitos anos, reuniu J. de Castro Mendes os objetos que formaram o Museu Carlos Gomes, do Centro de Ciências, e que constituem um dos mais completos acervos sobre o gênio musical das Américas. Aliás, Carlos Gomes foi um dos ídolos constantes em sua admiração. Preocupava-se com as comemorações próximas do primeiro Centenário da representação da Opera Guarani; e raro era o dia, nesta redação, em que não aludisse ao fato com entusiasmo caloroso.

José de Castro Mendes, o cronista de "Retratos da Velha Campinas", de "Efemérides Campineiras", da coleção de Suplementos, publicados por este jornal; o Zek de centenas de artigos históricos; o artista plástico, o compositor e o pianista, deixou muitos amigos na cidade, e de modo especial no CORREIO POPULAR, seu segundo lar. Deixou, sobretudo, à cidade que era a sua, uma nova lição de amor às tradições, à sua terra e à sua gente.

QCM



- Correio Popular - 3.^a-feira, 27 de Janeiro de 1970

JOSÉ DE CASTRO MENDES

A diretoria e os funcionários do CORREIO POPULAR cumprem o doloroso dever de comunicar a todos o falecimento, ocorrido ontem, do estimado colega de trabalhos, o historiador JOSÉ DE CASTRO MENDES, cujo nome está ligado estreitamente à história d'êste jornal, sendo que o seu sepultamento se dará hoje, às 10 horas, com saída do féretro do Necrotério do Cemitério da Saudade.

FALECIMENTOS

JOSÉ DE CASTRO MENDES — Faleceu ontem nesta cidade, com 69 anos de idade, brasileiro, natural de Campinas e filho dos finados José Benedicto Castro Mendes e Dona Luiza Mendes. Antigo jornalista do Correio Popular, era também funcionário público aposentado, tendo exercido as funções de desenhista no Instituto Agrônomico desde sua admissão, em 1929 até a aposentadoria, em 1961. Publicou vários trabalhos sobre pesquisa histórica, destacando-se "Retratos da Velha Campinas", "Efemérides Campineiras" e "Velhas Fazendas Paulistas". Foi ainda diretor do Museu do Instituto Agrônomico e do Museu de Carlos Gomes, no Centro de Ciências, Letras e Artes.

José de Castro Mendes era solteiro, e deixa uma irmã, Vanda de Castro Mendes. Sua cunhada, Inês Barbosa Mendes, viuva do sr. Luiz de Castro Mendes, e suas sobrinhas, Maria Helena Napoli Forte, casada com o sr. Fioravante Forte e Luiza Napoli Ayres, casada com o sr. Manoel Ayres. Os funerais realizar-se-ão hoje às 10 horas, saindo o féretro do necrotério do cemitério da Saudade, sendo sepultado em jazigo perpétuo da família. A cerimônia religiosa será celebrada no necrotério.

Edm

Efeméride de Castro Mendes

Celso Maria de Mello Pupo

Quando vemos cessar uma existência dinâmica como a de José de Castro Mendes, entramos a uma contemplação da vida humana, no seu mistério, na sua precariedade, na sua efemeridade para concluir da pequenez da matéria e da grandeza do pensamento. Castro Mendes que era modesto e simples, artista no mais acrisolado sentido, pesquisador e historiador honesto, sabia viver a arte, sabia perguntar, sabia buscar uma fonte de história, sabia ler, de documentário vetusto, as letras e as entrelinhas; seus trabalhos testificam sua competência, sua acuidade, sua segurança de conclusões e, o que é de mais valioso, sua idoneidade como verdadeiro historiador que transmite o exato e fiel à alheia propriedade literária, citando-a como alheia e indicando-lhe a origem.

Levou-o Deus nos seus insondáveis desejos, ficando entre nós um vócuo a espera de outro Zezé que não virá, ficando a saudade do seu todo amigo, de sua simpática, de sua bondade. Entre "Velhas Fazendas Paulistas" (1947), "Retratos da Velha Campinas" (1951), "Elementos Campineiras" (1963) e a "História de Campinas" em suplemento do CORREIO POPULAR (1968), obras das melhores de historiadores de nossa cidade, Castro Mendes foi prodígio em ótimas produções jornalísticas nas quais relevava detalhes da vida de Campinas, descobrindo, amavelmente, sobre a vida de Carlos Gomes da qual era ele o mais profundo conhecedor, e conhecedor apaixonado como historiógrafo e como musicista.

Amigos desde muito, guardo percorriamos as ruas de Campinas em áureos tempos da juventude, da fantasia e de amores, de ilusões e de esperanças, mais nos aproximou a identidade no pendurilhado pela história de Campinas. Fomos companheiros em Comissão designada pela Câmara de 1949, para estudos sobre um museu histórico em nossa cidade, iniciativa que se deve a Floriano de Azevedo Marques, Paripê da Comissão como representante do Legislativo. Outro trabalho que fizemos em conjunto foi a defesa do Palácio dos Anilões e o esforço pelo grande museu histórico de Campinas, em entrevistas concedidas ao CORREIO em julho de 1967.

Em 1938 instituiu ele, que era partidário da data de 14 de julho como a verdadeira data fundação de Campinas, para que escrevêssemos mostrando a exatidão do registro inscrito no monumento do Largo do Fossário, assunto que

nos empolgou levando-nos a novos estudos com resultados publicados em julho de 1961, em artigos nos jornais da cidade, e em maio de 1966, aze prepararmos o livro que está para sair, no qual apresentamos fruto das mais aprofundadas pesquisas realizadas para esse importante fato da vida campineira.

Na colaboração publicada em 1966, referimos aos trabalhos da Comissão nomeada em 1962, presidida pelo então vereador Alfredo Gomes, julho, Comissão que examinou cuidadosamente todos os documentos referentes à vida de Campinas, e que concluiu pela data de 14 de julho de 1714 como a verdadeira data fundação de Campinas, na opinião de todos inclusive o Mendes, com excesso apenas de um dos seus membros. Nesta Comissão tivemos, assim, como companheiro de trabalho, o hoje saudoso Castro Mendes, historiador dos mais respeitáveis, participando de nossa opinião sobre o 14 de julho.

É lamentável que Castro Mendes não tenha escrito um trabalho de fôlego sobre Carlos Gomes, uma biografia completa e de rigorismo na verdade histórica como ele fazia habitualmente, dando a Campinas a vida real do geral filho de nossa terra, ele que sabia apontar erros e imperfeições de muita coisa escrita sobre o maestro campineiro. Morreu justamente numa fase de entusiasmo, numa fase de entusiasmo módo e vigoroso pela celebração do centenário da primeira execução da ópera Guarani. Almejamos que, além de seus livros, toda sua obra fragmentada, não se desmanche, que se conserve reunida, zelada e estimada como rico patrimônio intelectual que merece a perpetuidade.

José de Castro Mendes, nascido em Campinas, era filho de José Benedito de Castro Mendes e de D. Luísa Mendes; neto paterno de Antônio Benedito de Castro que por sua vez era filho de Antônio Manuel de Castro, português, filho de José Álvares de Castro e neto de Gonçalves José de Castro, todos os da então vila de Valinhos, arcebispo de Braga. Este é um dos troncos do Castro de Campinas, com descendentes que se casaram com outros Castros, de outras origens, para que numerosos campineiros venham deste apelido de família.

Antônio Manuel de Castro casou-se duas vezes, sendo a segunda em 16 de julho de 1835, com D. Rosa Delina de Camargo, viúva, filha de Inácio Ferraz Leite, Remédico, de Farnésio,

neta de Pedro Ferraz Pacheco e bisneta do capitão mor Manuel de São Paulo Pacheco, tronco dos Sampaios, dos Ferrazes e dos Pachecos de Itu.

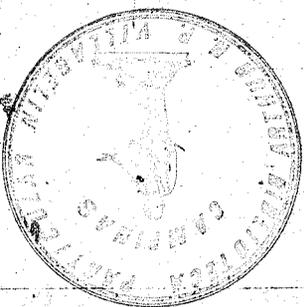
A avó paterna de José de Castro Mendes, era D. Gabriela Teresa, filha de José Mendes Ferraz, dos mesmos Ferrazes já citados, e de D. Maximiana de Castro Camargo, dos Castros de Santos como neta de D. Querubina Rosa de Azevedo e Castro e bisneta de Joaquim de Santana e Castro que depois de viúvo tomou outros sacras. Esta D. Maximiana era irmã do Comendador Querubim Uriel Ribeiro de Camargo e Castro e do Padre Miguel Arcaño de Camargo e Castro, homem erudito que verteu do alemão um precioso livro de piedade, achando-se um exemplar nas coleções do Museu Arquidiocesano, e do qual o mesmo Museu possui o original manuscrito.

Com mais de uma origem, os Castros de Campinas se multiplicaram, havendo em várias gerações as provas de inteligência e de cultura, quantidades que não faltaram ao nosso amigo recentemente falecido, adornado, aliada, como seus maiores, com os dotes de caráter bem formado.

Do lado paterno vinha, assim, Castro Mendes de velhos troncos paulistas, primeiros povoadores de nossa capitania, desbravadores, serfantes, bandeirantes, descobridores de ouro e mais preciosidades das entranhas das terras do sertão, pioneiros do açúcar e do café, fazendas do nosso artista um "quatrocentista" de sangue e de caráter, mas também valor artístico como tinha seu bisavô, José Mendes Ferraz que "era bom músico".

Do lado materno, havia de ter herdado sensibilidade artística, vinda do país da arte, da Itália encantadora, onde ninguém pode fugir de um sópo artístico que emana de um Carracci, de um Caravaggio, de um Rem, de um Corotona, de um Zampieri, de um Tiepolo; onde ninguém se furtava de ouvir, sentir e viver um Beethoven, um Cherubini, Rossini. Eito, Leoncram de Itália o bérço e o repostório mais vasto da divina ópera.

Embalado num bérço florido de arte alavancada, ao som das harmonias seculares de um país da música, com a forja de avós realizadores que engrandeceram a pátria, nosso amigo era um corajoso e um caráter, era o afeito e a atividade produtora.



RUA JOSÉ DE CASTRO MENDES



José de Castro Mendes — Nasceu em Campinas em 1901. Jornalista, historiador, grande conhecedor da História de Campinas e de seus homens notáveis, especialmente, Carlos Gomes, de quem foi indiscutível admirador e cultor de sua obra. Artista de grande sensibilidade, deixou documentada em aquarelas, as fazendas de Campinas, suas sedes, seus costumes, seus usos. Durante anos escreveu para o "Correio Popular", dedicando-se exclusivamente, à crítica de arte e à história da cidade. Foi diretor de Museu de Carlos Gomes, no Centro de Ciências, Letras e Artes e foi funcionário desenhista do Instituto Agronomico de Campinas, de onde era aposentado. Publicou vários trabalhos sobre pesquisa histórica, destacando-se "Retratos da Velha Campinas", "Efemérides Campineiras" e "Velhas Fazendas Paulistas", reunidos posteriormente em livros pelo "Correio Popular".

José de Castro Mendes faleceu em Campinas a 26-1-1970.